



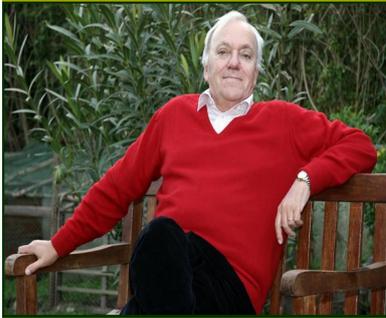
Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume IV, Edição II

Abril de 2016

Homenagem ao actor Francisco Nicholson



Nesta edição:

AMOR	3
Silêncio, vai falar-se de Fado!	4
A Guitarra Portuguesa	5
Os maestros que conheci	6
MORRI	7
Quadras de Aleixo	9
Preâmbulo ao poema	10
Cantinho do Amor	12
Um discreto adeus	15

"Portugal perdeu um gigante das artes da representação, um homem de cultura capaz de escrever sempre com um humor muito característico e sensibilidade extrema sobre qualquer assunto. Fazia rir e fazia chorar, era assertivo, irónico, emotivo. Escrevia, representava, dirigia sempre com mestria e muita exigência. Foi guionista, crónico de jornais, autor de letras que grandes vozes cantaram, fundou um teatro, foi administrador, ajudou na criação da Casa do Artista e experimentou mesmo a direção artística de um canal. O Xico, como todos o chamavam era um multifacetado, ávido de conhecimento, de cultura, de experiências. Deixa-nos um curriculum invejável, um vasto e inigualável legado que, atrevo-me a dizer nem sempre foi reconhecido ou suficientemente homenageado.

Mas não é do Xico que quero escrever. Quase todos e de várias gerações sabem quem é e o que fez (atrevo-me a chegar às faixas etárias mais novas que pelo menos da televisão o conheciam). Não iria dar grandes novidades e provavelmente iria esquecer-me de algo.

Não, não é do Xico que quero escrever; é do pai, do meu pai. Porque antes de ser o senhor multifacetado de Portugal, ele era... é o meu pai, apesar de já contar com uma boa dezena de anos de carreira bem-sucedidos antes de eu entrar na vida dele.

Cedo, fui viver para França, logo após o divórcio dos meus pais. E habituei-me desde muito garota a viagens de avião bi anuais pela altura das férias da Páscoa e de Verão. E lá me esperava ele à saída do avião com o mesmo sorriso e entusiasmo. Atirava-me avidamente para os seus braços mal o via. Eram uma festa, as minhas vindas a Portugal. Eram uma animação. Obviamente porque estava de férias mas também porque a vida do pai era sempre extremamente preenchida e fascinante. À parte das semanas de praia em família em Troia ou Sesimbra, havia o teatro, a televisão, os ensaios, a escrita e sempre que me podia levar, lá ia eu, porque eu queria.

Passei férias nos bastidores do Adoque, do Maria Vitória, passei tardes a assistir às gravações da Vila Faia (naquela ano vivi em Lisboa), das Origens.

Mais fascinante que todos estes mundos de faz-de-conta, é que quase tudo tinha mão do meu pai. Não havia nada que ele não fizesse e com sucesso. Ele movimentava-se com a mesma facilidade num meio ou noutro, ele sabia, ele era grande. (*Nunca me esqueci da gravação de uma cena das Origens em que as personagens do psicólogo Xavier e do ex-toxicodependente Nando, desempenhadas respetivamente pelo pai e o António Feio, se despediam. A cena era densa, emotiva e sobretudo comprida. Passaram texto, olharam um para o outro, e "vamos lá fazer isto". A cena foi feita à 1ª deixando actores, técnicos e produção numa comoção tal que após a voz de corte, o silêncio reinou no estúdio por segundos ainda longos antes de reboatar um forte aplauso da parte de todos. Tinha 14 anos.*) Como não admirar aquele homem?



E depois diga-se o meu pai era um bonitão de olho verde e sorriso fácil. De pequenina consegui perceber o porquê do sucesso junto do público feminino e que me era muitas vezes relatado. Confesso até um certo ciúme. Se pudesse teria passado o tempo agarrada às calças do meu pai.

Aquando das 3 semanas com a Tia e primos em São Martinho do Porto onde era celebrado o meu aniversário lembro-me de viver ansiosa nesse dia à espreita de o ver aparecer no muro por cima das barracas da praia, e mal o visse ia a correr em gritos de alegria. Sentia-lhe a mesma felicidade naquele sorriso rasgado.

Pedirem-me para falar do meu pai é pedir-me para abrir um livro de 46 capítulos de recordações, tantos quanto os anos com que já conto. Creio que posso destacar-lhe o sentido de humor e o sentido crítico. Os jantares familiares eram quase na sua totalidade passados em gargalhadas intercaladas de acesas discussões emotivas; oh pai, somos tão mas tão parecidos. Este nosso coração na boca trouxe-nos tantos desentendimentos. E depois de horas cada um magoado no seu canto lá nos derretíamos num abraço sentido seguido de uma piada qualquer que aligeirava o ambiente. Era meigo e piegas, de lágrima fácil.

O pai era exigente comigo, muito mesmo. E mais facilmente me gabava aos outros do que a mim diretamente, sentindo-me muitas vezes incompreendida mas nunca foi injusto, exagerado talvez, mas nunca injusto. Aliás o ativista que vivia nele jamais tolerava injustiças. Esta é também uma faceta que guardo dele. As lutas que ele travou. Creio que lutou a vida toda, lutou pelos seus sonhos, lutou pela liberdade, pela igualdade, pela justiça, por uma vida melhor e por fim contra a doença. Mais digo, não foi a doença que o venceu, ele é que se deixou ir quando quis. Doente ainda conseguiu escrever um romance, uma peça de teatro, textos que lhe encomendaram, ainda fez participações para a televisão. E foi-se quando sentiu tudo feito, tudo entregue. Se isto não é de um homem que gosta de viver, então não sei. Este é o maior legado que me deixou; deixo-vos as letras, as peças de teatro, o romance, as novelas. Guardo a coragem, a força, a garra, o sorriso. Deixo-vos o Xico, guardo o pai, o meu herói.

Sofia Nicholson

*Quando envelhecemos
a beleza converte-se
em qualidade interior.*

*Ralph Waldo Emerson.
Clérigo (1803 – 1882)*

AMOR

O que é o amor?

Se não eu e tu juntos!

Também existe o amor individual.

Se não sentimentos, que por estas e outras palavras tentam explica-las e exprimi-las sentimentalmente.

Se não olhares entrelaçados sem explicação, não só dos que vêm, mas também dos invisuais, os irracionais, os platônicos, os transcendentais, os ancestrais.

O Amor é um acontecimento em qualquer momento.

É sempre uma surpresa agradável.

É um misto de bom e mau.

O bom é tê-lo sempre presente, o mau é a sua ausência e o afastamento sufocante.

Será que o amor é a incapacidade de não te esquecer no quotidiano!?

Na minha vida respiras,

Na minha mente eternizas,

No meu desassossego e sossego és tu!

Guedes Jordão

(Colaborador da Manutenção)

Tarte de Maçã

Usar uma tarteira de pirex, com 30 cm de diâmetro, unta-se com manteiga.

Ingredientes:

- 200 gr. de farinha;
- 150 gr. de manteiga;
- 3 ovos;
- 150 gr. de açúcar;
- 4 maçãs.

Bate-se os ovos inteiros, com o açúcar e a manteiga derretida, e vai-se juntando a farinha a pouco e pouco; deita-se para a tarteira e descasca-se as maçãs e corta as fatias em metades e vai-se colocando sobre a massa, em pé a toda a volta, e vai repetindo até estar toda coberta de maçã. Vai ao forno durante 30 minutos e serve-se na mesma forma. Quando sai do forno polvilha-se com açúcar e canela!

Linita Marques

SILÊNCIO, VAI FALAR-SE DE FADO!



Amália morreu em 06/10/99, mas a história da diva está viva. Recuemos ao ano em que faleceu. No intervalo do 36º Festival RTP da Canção viu-se “... um espetáculo com a autoria e coordenação de José Jorge Letria, de homenagem a José Afonso” (in TV GUIA Março/99), o jornalista Joaquim Letria questionava: “Isso faz-se ao Zeca?!”.

Tecendo azeda crítica à ideia, diz a certa altura: “homenageiem antes Amália que (...) tem todo o direito a uma reparação ou não tenha mesmo chegado a haver quem tivesse proibido a sua voz de passar na Rádio!”.

E Joaquim Letria termina a sua telestória dizendo: “Nisto de censuras e homenagens não há grandes diferenças. Ambas podem ter o mesmo mestre de cerimónias...”.

Ora – parafraseando Nemésio – “se bem me lembro...”, o jornal República, dias depois do 25 de Abril publicava um texto assinado por ... J.J.L. (?) com o título: “E os cantores oficiais do fascismo?”.

Não citava nomes (o que não era bom!) generalizava (o que era pior...).

Francamente nunca descobri quem eram os aludidos cantores oficiais, mas também, não tenho conhecimento se, por o serem (?), algum(a) ocupou qualquer lugar de relevo na Administração Pública ou na Comunicação Social! ...

Integrei com Amália e outros uma comissão sindical (vd. O Século – 6/5/74) e em 1975, num café da Gran Via em Madrid, aconselhei-a a ficar uns tempos longe de Lisboa, onde os boatos em seu desfavor então, eram mais que muitos. Nesse mesmo ano reapareceu no Olympia de Paris e a seguir andou pelos EUA, Canadá, Brasil, Itália.

Quando em 1989 comemorou os 50 anos de carreira, gregos e troianos dedicaram-lhe uma exposição no Museu do Teatro, um ciclo de cinema na Cinemateca e grandes espetáculos no Coliseu e no Teatro S. Carlos (em 200 anos foi a primeira vez que ali se ouviu Fado...).

“Lisboa, Capital da Cultura” (1994) marca a última atuação pública da Notre Dame do Fado. No ano seguinte foi a operação pulmonar.

Em vida recebeu – antes e depois de Abril/74 – as mais importantes condecorações nacionais e estrangeiras, depois de morta é a primeira mulher a ter honras de Panteão Nacional e a deixar, por testamento uma Fundação com o seu nome.

Pedro Machado

A Guitarra Portuguesa

Neste volume do “Boletim Informativo da Casa do Artista” apresentamos o capítulo “O Dedilho”, sobre a Guitarra Portuguesa:

Em relação às mãos, “instrumento” essencial para extrair melodias das cordas da Guitarra Portuguesa, é fundamental unhas adequadas (pois, como diz o ditado, “quem tem unhas é que toca guitarra”), e que deverão ser ligeiramente compridas para que, ao tocar a Guitarra, decorra num dedilhar perfeito. Como isto nem sempre é possível, começou-se a usar unhas artificiais de tartaruga. Estas unhas, que se atam ao dedo, são feitas a partir do revestimento exterior da carapaça de tartaruga, mas não pode ser de uma tartaruga qualquer, já que este revestimento tem de ser duro e resistente e, ao mesmo tempo, maleável a quente, por forma a se poder dar o molde de uma unha. A espécie de tartaruga em questão pertence à *Quelónia Embricata*, típica do arquipélago de Cabo Verde.

Como muitas outras, este tipo de tartaruga é considerado animal em perigo de extinção, pelo que se passou a utilizar a alternativa de unhas feitas a partir de um plástico especial, o que até acabou por resultar na formação de um som mais claro e vibrante, especialmente apresentado na Guitarra tradicional de Lisboa.

(Bibliografia: artigo retirado de um suplemento sobre COISAS PORTUGUESAS)



Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

Os maestros que conheci

Tinha pensado falar sobre o maestro Belo Marques, mas quando fui à internet para me documentar sobre a obra dele vi que é tão vasta e interessante, que vale a pena consultar o site portanto falei de como o conheci. Já vos disse que o meu pai era violinista da orquestra sinfónica e pensou organizar um sexteto de cordas e piano e andava à procura de quem tivesse valor no seu instrumento. Num anterior Boletim falei-vos do António Melo e hoje falarei do Belo Marques. Na altura disseram ao meu pai que havia um violoncelista que tocava num café da baixa, nessa altura era moda. O meu pai foi ouvi-lo e gostou imenso dele e levou-o para a sua orquestra e trabalharam alguns anos juntos. Eu era muito pequena e ele tratava-me por Náidas. Entretanto o meu pai morre em 1928 no desastre de carro apanhado pelo comboio e por sorte o Belo Marques já não foi com ele para a Cúria, pois o meu pai estava contratado para tocar no grande hotel. O verão todo lá estava hospedado um rapaz que tinha a noiva no Bussaco e casavam na semana seguinte e pediram se iam fazer uma serenata à noiva. O meu pai todo entusiasta da surpresa alinhou mas as cancelas estavam abertas e o carro onde viajava o meu pai e o noivo foi apanhado e ficaram irreconhecíveis. Recordo como se fosse hoje, o destino tem sido duro para mim. Voltando ao Belo Marques, este grande senhor da música entre várias orquestras que formou teve a Slacabitana uma orquestra muito portuguesa formada por violas bandolins e todos os instrumentos de corda típicos portugueses. Foi lindíssimo com um efeito orquestral maravilhoso formou o coro feminino, onde minha irmã e eu também cantávamos. Era um grupo bom, composto por 12 vozes só três é que sabiam música, mas as outras aprendiam com facilidade e teve grande êxito. O Belo Marques também formou um coro masculino ele era um pai e marido dedicado conheci muito bem a esposa e filhos mas a sua paixão por tudo o que escrevia levava-o a passar dias e noites na rádio sem dormir e a compor canções com letras dele também que são um poema nada era feito ao acaso e de tantas lembro na minha aldeia não há ódios, mas estima tem se amor à vida alheia todos são primos e primas etc etc... Que lindo que isto é mas não se ficou por aqui porque o ideal dele era compor uma obra negra que eu penso ser género ópera e fez um trabalho folclórico lindo. O coro cantava esta com uma estranha melodia allálha lata chiilé chá hhaammmmbba, o efeito era fantástico também nos ensaiou uma obra muito interessante que cantámos com a orquestra sinfónica do maestro Pedro de Freitas Branco no teatro S. Carlos. Estive meses sem falar com ele comparecia aos ensaios e não o olhava até que uma das colegas foi-lhe dizer o motivo, minha irmã faleceu num sábado e o corpo foi para a igreja à noite.

Houve emissão na fábrica de Sacavém e a seguir foram a igreja todos os que tomaram parte na emissão os maestros que estiveram locutores etc... e ele não foi nunca mais falei-lhe um dia no fim de um ensaio e ele vira-se para a orquestra ninguém sai sem eu fazer uma comunicação. Já algum tempo reparo que a Nini Remartinez não me fala e disseram-me o motivo e eu quero esclarecer que fiquei tão perturbado com a notícia que não tinha coragem de ir à igreja e peço desculpa e espero que me compreenda.

Um dia fui comer sardinhas assadas à feira popular para espairecer e abracei-o a chorar. Este era o maestro Belo Marques que me pegava ao colo quando era pequenina.

Nini Remartinez

MORRI



Preguiçosa acordou a manhã.
Corre a notícia de que morri.
Ouvi e li,
Sem ver a data do jornal,
Mas lá está – morri! Não faz mal...

Morrer, tenho a certeza,
É o simples e esperado ocaso,
No dever e respeito à Natureza.

No interior da morte,
Não perdi o norte.
Despojado de elementos materiais,
Afinal bem banais,
Vou, bem arranjado,
Aprumado e asseado,
Com meu fato de enterro,
Pronto para a celestial festa.

Foi desta!

Durante a terrena vida, dia após dia,
Aprofundei a pura essência
Do encanto da poesia
E da surpreendente ciência.

Não me contentei com o existir.
Fragmentei o tempo, antes de partir.

Quase sem aviso, regressei ao Paraíso
Donde um dia saí, em missão na Terra.
Espalhei a paz, lutei contra a guerra.

No fim da longa estrada
Senti, enfim, alguma fadiga
De jubilosa jornada.
Não me faltou mão amiga!

No desfilar de sombras na aragem
Uma, lutuosa, me envolve.
Esquecido da saudade,
Qual animado saltimbanco,
Para radioso céu azul e branco
Parti sem bagagem
Na derradeira viagem.

Vou continuar a falar-vos, sem dor,
De Deus, de Paz, de Justiça e de Amor.

Não me choreis. Recordai-me com alegria!
Adeus, amigos, adeus! Até um dia!

Do livro NA ESQUINA DA VIDA
(João Coelho dos Santos)

Olá Meninas

A menina é um amor
Veio para a estrada da Pontinha
Seu nome próprio Leonor
Mais sua amiga Gracinha

Esta rua é muito só
Eu falo em bom português
A neta veio com a avó
Veio ao Armando Cortez

Era hora de jantar
Foram umas horas felizes
E à porta a conversar
A conversar com as actrizes

O caçador foi à caça
Foi à caça o caçador
Com a Doutora veio a Graça
Vinha a Graça e a Leonor

A avó trouxe a netinha
Altaneira e altruísta
Vinha também a amiguinha
Cá à “Casa do Artista”

Anda tudo em alvoroço
Pepa, Sónia e Conceição
Está na hora do almoço
Mas que grande confusão

Acendeu a grande chama
Às vezes chega a Balbi
Todas do Politeama
O Teatro está aqui

A varina vai no mastro
A manter a tradição
Lá vai a Ada de Castro
Com a Doutora Conceição

Vi lá da minha janela
Vi a estrada da Pontinha
Lá vai a D. Manuela
Com a Pepa e a Sóninha

Fui à caça ao gambuzino
Cidade de encantos mil
Foram todas ao Casino
Lá vão elas ao Estoril

Isto é uma grande léria
As mudanças do Galamas
Parabéns Sr. Lá Féria
Na República das Bananas

Neste nosso Portugal
Nesta “Casa do Artista”
Muito lindo o musical
E muito boa a revista

Gente que em Lisboa mora
A todos um grande beijinho
Alexandra e mais a Dora
E um abraço do Coutinho

Autor: Júlio Coutinho

Quadras de Aleixo

A rija pedra polida
Que mói o trigo impaciente
É como a pedra da vida
Que mói a vida da gente

Vinho que torna vinagre
Não retrocede o caminho
Só por obra de milagre
Pode de novo ser vinho

Quando nasce um pimpolho
Floresce mais um jasmim
Enquanto a mãe está de molho
Passeia o pai no jardim

Quem trabalha mata a fome
Não come o pão de ninguém
Quem ganha mais do que come
Come sempre o pão de alguém

Sei que pareço um ladrão
Mas há muitos que eu conheço
Que não parecendo o que são
São aquilo que eu pareço

Ontem rei, hoje sem trono
Cá ando outra vez na rua
Entreguei o fato ao dono
E a miséria continua

Autor: António Aleixo

Canção do Porto

Eu sou do Porto velhinho
Cantinho de tradição
Que cabe todo inteirinho
Dentro do meu coração

Ó Porto nobre cidade
Trabalhadora e Leal
Na honradez tais vaidade
Pois como tu não há igual

Meu Porto amigo
Porto d`abrigo
À beira Douro
Gente vareira
Alma tripeira
Oh meu tesouro!
Casas velhinhas
Das Fontainhas
E meu conforto
Velha Ribeira
Terra fagueira
Meu lindo Porto

Sinto sempre, ao meu afastar
Do Porto, grande tormento
Nas noites do teu luar
Há ternura e sentimento

E vejo sempre a cantar
Da Ponte, o teu casario
Quando o sol te vem beijar
Passam os barcos lá no Rio

Repertório: Linita Marques

Música: Carlos Dias

Letra: Jorge Oteló

Preâmbulo ao poema

Todo o artista de teatro, cinema, televisão, rádio ou circo é um sonhador, um visionário, enfim um poeta que se entrega, total e generosamente, ao(s) seu(s) público(s).

Ele tem, dentro de si, o tal “duende” de que tanto falava o poeta espanhol Federico Garcia Lorca.

Ele dá o que de melhor tem dentro de si, essa “magia” que comunica e que sempre oferece.

Para Federico Garcia Lorca

Ser Poeta

“O poeta atira as suas mãos aos astros. Mãos trémulas. Um gesto de prece, de esperança. Os braços, porém, não tardarão a cair, cansados pelo desânimo de um apoio que, teimosamente, se vai protelando. O poeta nota frieza nos olhos dos homens! Recebe os seus risos irônicos que transforma em poemas de paz. E chamas-lhes irmãos! E vai pelo mundo carregando a indiferença de uma humanidade que o apelida de louco.

O poeta sabe, no entanto, que a sua loucura é lúcida e que os seus gritos encontrarão ecos nas vozes dos poetas que o precederam, com ele irmanados numa esperança de ressurreição.

O poeta não tem pátria, nem raízes. Solicito, o seu espírito acorre sempre que haja um homem que chore, uma mulher espantada com uma criança – cadáver nos braços, um jovem imolado por uma guerra que se recusa a compreender.

E chora com os homens seus irmãos, os seus lamentos e sabe alegrar-se com a partilha das suas conquistas.

E um raio de sol reflete-se no seu rosto quando uma criança, sorrindo, lhe estende os braços. O poeta abraça fraternalmente todos os seres do mundo. E a todos diz: “Vai, irmão!”.

O poeta passa pelas cidades mergulhadas nas trevas e leva a aurora ao coração dos que desaparecem pelo nascimento de um novo dia. E as armas dos homens nada podem contra si!



O poeta constrói poemas com os gritos apenas esboçados na boca dos homens. E anima-os, insuflando-lhes uma nova vida!

O poeta não tem família, e no entanto, todos os homens do Universo o têm por amigo e podem contar com a sua fraternidade.

O poeta é exótico, é visionário porque apesar de tudo, ainda acredita.

Todas as manhãs ele guarda ansiosamente a alvorada de uma promessa há muito lida nas estrelas.

O poeta fala com os astros e funde-se com o luar até ficar alvo e branco com ele. O poeta lamenta a incompreensão dos homens mas nunca condena.

E quando o não compreendem, olha para as crianças e sorri-lhes. Os braços do poeta não sabem pegar em armas. Foram criados para construir, concha em que se recolhem as crianças dos lugares por onde passa.

A maldade dos outros fere o poeta. A sua voz ressoa por todo a terra. Por vezes, o cansaço invade-o, entorpecendo-lhe os membros, como se transportasse aos ombros todas as injustiças do mundo.

O poeta dança quando há sol nos rostos fechados e sorriso de anunciadoras Primaveras.

O poeta não é feliz. Os seus cânticos de fraternidade não encontram sempre eco.

O poeta é ingênuo como a criança. O seu coração tem as dimensões do sol mas, os homens recusam-se a vê-lo.

As suas baladas e poemas são tomados como canções de bobo em dias de feira.

O poeta é amor. O poeta é tristeza, vida e redenção!

O poeta encontra a morte num campo de papoilas em flor. E a natureza veste-se de galas para receber o corpo do poeta.

O poeta morre só!

Os poetas que passavam pelo campo – túmulo de papoilas vêm um alaúde nas mãos do poeta!

Cantinho do Amor

Pois é amigos ... Se pensaram que o “Cantinho do Amor” tinha desaparecido enganaram-se!
O “cantinho” existe e existirá sempre pronto a renovar-se!

É certo que ele nem sempre aparece neste Boletim, mas isso faz parte dos jogos do amor movidos muitas vezes pelas incertezas, pelas dúvidas e pela magia dos encontros inesperados, mas sempre desejados! ...

Quem traduz bem a magia do amor são os nossos poetas. Entremos no domínio da poesia! ...
Que o poeta se manifeste dando largas à sua imaginação e criatividade! ...

De saudades vou morrendo
E na morte vou pensando;
Meu amor, porque partiste
Sem me dizer até quando!
Na minha boca tão triste
Ó alegrias cantai!
Mas quem acode ao que eu digo?
- Enchei-vos de água, meus olhos?
Enchei-vos de água chorai!



Quem é pobre sempre é pobre,
Quem é pobre, nada tem:
Quem é rico sempre é nobre
E às vezes não é ninguém.
Complicada afirmação
Esta – de ter e não ter! ...
O que importa é ter razão,
Saber amar e sofrer!
Quanto a bens materiais,
Coisas que a sorte nos dá
Ou o trabalho conquista,
É tudo sem consistência...
- Antes a cruel saudade
Que me deu a tua ausência.



Adoção de cansaço;
Mas a vida,
Ai, a vida exige tanto de mim
Que digo a quem quer que seja
Vinde em plena mocidade;
- Aceito. Quero...
Pois sim ...
Renunciar, para quê?
Se renúncia nos meus olhos
É coisa que ninguém vê!

António Botto

Assim chegámos ao fim. O “cantinho” acabou por hoje, voltará sempre que possível. E lembrem-se: na vida há sempre um “cantinho para o amor”. Procurem-no ... e deixem o amor fluir! ...

JF

O agradecimento reconhecido de todos os Sócios e Residentes a estas pessoas que fizeram a nossa “Casa do Artista”:

Armando Cortez
Manuela Maria
Eng.º Nuno Abcassis
Dr. Jorge Sampaio
Dr. Pedro Santana Lopes
Raul Solnado
Octávio Clérigo
Tomé Barros Queiroz
Pedro Solnado
Amália Rodrigues
Laura Alves
Luisa Afonso
Carmen Dolores
Francisco Nicholson
Morais e Castro

Linda Silva
D. Graça e Sr. Evaristo do
“Solar dos Presuntos”
Ada de Castro
Joaquim Alves
Albino Moraes
Cândida Cortes
Maria Helena Mattos
Beatriz Costa
Madalena Iglésias

Não me lembro de mais ninguém.

Autor: Júlio Coutinho

FACTOS Y FICCIONISMO*Afonso Henriques*

Da senhora Cândida, dona da “Pensão Indolências”, ciosa dos teres, ávida nos haveres, discorreres em soalheiros, Santo António tamanho de gente e menino ao colo no topo das escadas a preparar escorrega pelo corrimão para bate-cu na soleira da porta, analfabeta, o seu homem, Zé da Cândida, sacristão e, por defastios laicos, luxúrias por feiras e romarias, o tio Jonas confessa:

--- Voz trovão no estuque do ouvido e cinzel a esculpir memórias, faz a comida no painel dos bácoros e, os pimpolhos, quatro filhos adoráveis, limpam o ranho pelas paredes. Disseram-me que é a melhor cozinheira do concelho. Se calhar, porque irmã do abade de Almofala. Por isso me hospedei. Também não há outra hospedaria. Queixei-me do baço: prego de solho a furoar-me a paciência. Fez um chá de caruma de pinheiro manso, folhas de salgueiro, hortelã, erva-cidreira e segurelha, coou no passador e foi guilho nas minhas relutâncias: «O meu irmão foi bueiro a engolir o chá. Ai dele! Moléstias e toleimas da idade afundarem-se aos fundos do inferno. Aonde Deus não chega a palmatória dos castigos. Foi para o seminário, pois, então! Conheceu Salazar e fez-se santo como o Salazar, que nem chegou a ser padre». Punhadas na taleiga das mamas, afiança que o irmão é dono do seu povo, assim como Salazar é dono de todos nós. E que temos obrigação de lhe sermos obedientes, e ao rei e ao Papa, trilogia a lembrar o poder de Deus, que a obediência é hóstia em sacrário: quem a escarnecer, escarnece a Deus, ao Papa, ao rei, a Salazar. Chegou-me a caneca com a mistela: «Expulsa a bicha-solitária e purifica a alma». Foram três dias de aperto e caganeira. Levava-me o almoço na cesta com que vai buscar os ovos ao galinheiro, afastava-se vintena de passos, virava o cu ao riacho, levantava as saias, agachava-se, cagava, asseava-se nos fentos, lançava-os à babugem da corrente, voltava, amoldava-se ao bojo de uma fraga, abria a cesta, destapava a panela, colher de ferro no caldo, enchia a malga, alcançava-ma: «Está descorado como lençol no coradouro, coma!», remirava-me os olhos como à ramela do burro, persignava-se, eu, delicadamente: «Os gatos tapam com terra a merda que cagam». Ela gargalhava. Me deixasse de indolências; que as moscas e as varejeiras eram nuvem a zunir ao lambisco do cheiro, deixando para a minha gula a broa, o salpicão e o presunto: «Veja, veja só! Vê moscas? E zunidos, ouve-os?» Camisolão escarlata, lenço de muitos verdes na cabeça, e o trovão da voz: «Não seja lamentoso!» e, eu, peido na tripa, a guardá-lo, não fosse ela queixar-se ao Zé e, por castigo, ter que dormir com o burro. O esquisito é que lhe amava as atenções maternais, como se, eu, débil e quebrado das partes, em verdade, verdade insanável. Terá ela visto a funda? Nunca lhe dera roupa a lavar. Viesse nas cuecas alguma rã da poça e começasse a coaxar quando eu viajasse na carreira, alguma viandante a ousar a mão à rã só para chafurdar no sapal. À merenda, na mesma fraga, limpava o churro entre os dedos dos pés, cheirava, atestava a broa às mamas, cortava duas fatias e dava-mas com o presunto e o salpicão. Por tantas lisonjas, é que vocês me viam tão agoniado de aspeto.

Um dos fedelhos dei com ele a arriar a tripa numa caçoila. Chamei-lhe ferrabrás. O tratante desceu à loja, a berrar: «Ele quer a minha caçoila!». Quanto ao burro, entra à tasca e come ao balcão como um freguês. Tenho a firme impressão que comem todos a meias. Comigo nunca aconteceu. Não que houvesse cerimónias. O burro é que é fidalgo.

CHURRO: sujidade na pele.

LAMBISCO: pequena porção de comida.

COAXAR: grito da rã.

Míscaro: cogumelo amarelo.

INDOLÊNCIAS: impassibilidades, preguiças.

Um discreto adeus

Quando eu morrer
 Apenas quero ter
 Silêncios de amizade
 Não quero lamentos e ais
 Que muitas vezes
 Não dizem a verdade
 Quero simplesmente
 Mas sinceramente
 Um só discreto adeus
 E depois
 Feito em cinzas
 Digam com voz fraterna
 Um poema dos meus
 Meus amigos
 Apenas quero ter
 Um só discreto adeus.

Autor: Joaquim Samora

PROFUNDO DESEJO

Gostaria de escrever
 Mas para tal não tenho jeito
 Tenho um turbilhão de ideias
 Que me carregam no peito

Às vezes até sufoco
 Pois queria pôr no papel
 Tudo o que ora não amo
 Tudo o que agora quero.

Este turbilhão de ideias
 No papel queria pôr
 Deita fora o que não presta
 Guardar palavras de amor.

A natureza enganou-se
 Deu-me vontades e sentidos
 Palavras e jeitos perdidos
 Como borrões num painel

Mas um dia irei escrever
 Alegrias, amores, dores,
 Vencerei a natureza
 Cantarei os meus amores.

LILA

“NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
Geral@casadoartista.net

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Comemoração do 17º Aniversário da Casa do Artista, com o Maestro José Cabeleira, Fernando Tavares Marques, Maestro Artur Guimarães e a cantora Irma Ribeiro;
- Canções Pedidas, com o Carlos Alberto Moniz, no dia 9 de Maio 2016 (segunda-feira), às 15 horas;
- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, com a presença da atriz Sofia Nicholson, no dia 10 de Maio 2016 (terça-feira);
- Visita ao Museu Nacional do Teatro e da Dança, no dia 18 de Maio 2016 (quarta-feira);
- Hoje há Fados com Linda Mónica, Miguel Pedro e Teresa Balbi, no dia 19 de Maio 2016 (quinta-feira);

No Teatro Armando Cortez:

- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta o musical “Cinderela”, com encenação de Fernando Gomes;
- A Yellow Star Company apresenta “ALLO ALLO” de 1 a 15 de Maio e de 26 a 29 de Maio 2016, com encenação de Paulo Sousa Costa e João Didelet;
- “Homenagem a João Villaret” de Carlos Paulo, com Carlos Paulo, Ana Lúcia Palminha e música de Hugo Franco, no dia 17 de Maio 2016, às 21 horas.